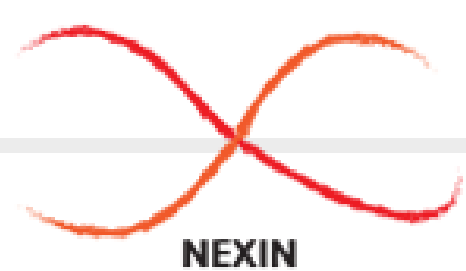


Expressões da Pandemia

Vol. 8



Realização Científica

O Boletim "Expressões da Pandemia" é uma atividade do Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN/PUC-SP/CNPq), liderado pela Profa. Dra. Bader B. Sawaia, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM/UFAM/CNPq), liderado pelo Prof. Dr. Renan Albuquerque.

Organizadores

Bader B. Sawaia
Flávia R. Busarello
Juliana Berezoschi
Renan Albuquerque

Editoração e Identidade Gráfica

Juliana Berezoschi

Revisão Técnica

Renan Albuquerque

Os escritos são compilados por participantes, parceiros e apoiadores do NEXIN e do NEPAM.

Dados do NEXIN

O Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) tem como líder a Profa. Dra. Bader B. Sawaia e atualmente está composto por discentes de mestrado, doutorado e pós-doutorado, bem como pesquisadores associados. O NEXIN é um espaço de reflexão e investigação psicossocial permanente, onde são desenvolvidos estudos sobre desigualdade social, com ênfase na servidão humana e na potência de ação emancipadora em diferentes contextos sociais e históricos brasileiros.

www4.pucsp.br/nexin/, facebook.com/nucleonexin, instagram@nucleonexin

Dados do NEPAM

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) tem como líder o Prof. Dr. Renan Albuquerque e atualmente está composto por discentes de graduação, mestrado e doutorado, além de pesquisadores associados. O NEPAM estuda dinâmicas e interações de povos amazônicos em seus diferentes modos de vida no bioma.

www.facebook.com/ufamnepam

APRESENTAÇÃO

Estamos no final de julho da pandemia da covid-19 no Brasil. O histórico desses meses são de quedas de ministros, crises econômicas, desempregos e diagnósticos confirmados de políticos, e agora do presidente, somados a mais de 80 mil brasileiros mortos pelo SARS-coV-2. Não ouvimos mais panelaços, nem salva de palmas. O país da alegria chora seus mortos, mas seca as lágrimas e volta a sua rotina de trânsito, jornada de trabalho e happy hour, com os bares e restaurantes retornando a abrir. O velho ditado de que “brasileiro não desiste nunca” e a recomendação terapêutica de que não podemos perder a fé, foi substituído pelo chavão de outrora, “O Brasil não pode parar”.

Desde o primeiro boletim, ainda no momento em que o vírus incidia nos bairros mais ricos de São Paulo, Manaus, Rio de Janeiro e Fortaleza, cidades primeiramente atingidas em termos gerais no país, infectando pessoas de poder aquisitivo alto, defendíamos que o novo coronavírus não era democrático, mas atravessado pela desigualdade social, o que foi cada vez mais se evidenciando em números: conforme divulgado no Inquérito Sorológico da Prefeitura de São Paulo, o número de mortes de pessoas negras de março até início de julho está concentrado em dez bairros da periferia paulistana, representando 35,2% das mortes[1]. A trajetória do vírus em direção à periferia evidencia o caráter de devastação da doença, assim como os povos tradicionais são atingidos de forma violenta e veem parentes morrendo dia após dia em suas terras. A desigualdade se tornou uma espécie de comorbidade, especialmente ao se constatar que a única maneira de prevenção não-hospitalar é o isolamento social. O que não é possível para essas populações.

Acompanhando esse cenário, chegamos ao nosso oitavo boletim. O projeto "Expressões da Pandemia" se mantém pesquisando e refletindo sobre os afetos vivenciados durante esses meses de espalhamento mundial da doença. Elegemos o afeto como categoria analítica por ser o objeto de pesquisa de nosso núcleo, que vem procurando estudar a mediação dos afetos na reprodução e na resistência à desigualdade social.

[1]<https://br.noticias.yahoo.com/dez-bairros-da-periferia-de-sao-paulo-concentram-mais-mortes-de-negros-por-covid-19-152122638.html>

Acreditamos que podemos contribuir às reflexões sobre afetividade, as quais passaram a dominar as mídias e redes sociais, motivados também pela importância que ela teve aderência na sociedade, inclusive com a recomendação de que uma das formas de enfrentamento ao isolamento era tratar os afetos e ser feliz.

Nossa concepção de afeto é inspirada em Vigotski e Spinoza, que o retiram do psiquismo ou natureza humana e o lançam na história e conflitos sociais. É um fenômeno igualmente da mente e do corpo, sem dicotomia, e que constitui o subtexto de nossas ações e pensamentos. Nessa perspectiva, afetos são radares ético-políticos da forma como cada um de nós vivemos a pandemia no Brasil. Porque, conforme Spinoza afirma, os afetos são como propriedades da natureza, tal como o calor e frio, a tempestade e o trovão (TP, Cap 1, §4), mas cuja qualidade é determinada pelos encontros, bons ou maus. Ao que Vigotski complementa, salientando a gênese social das emoções, pressuposto que fundamenta o conceito de sofrimento ético-político elaborado por Sawaiia para indicar a distribuição desigual de sofrimentos entre as pessoas de diferentes classes sociais, ressaltando a inclusão perversa.

É justamente esse conjunto que orienta a práxis psicossocial, pois através da cartografia dos afetos podemos mapear as afetações, fruto do mau encontro entre a covid-19 e o vírus da desigualdade social severa. A necessidade de sair de casa para trabalhar, não ter opção de escolher se proteger do vírus e nem da fome, são pequenas amostras da exploração vivenciada por milhares de brasileiros. Vivenciar todas as pandemias tendo um corpo atravessado por esse último vírus, traz uma especificidade aos afetos. Qual medo é mais poderoso: o da fome ou do contágio? Ou melhor, como se proteger se não há uma casa? O medo do vírus é mais um somado a trama afetiva daqueles que vivem as comorbidades da desigualdade social.

Os afetos mais presentes durante a pandemia são medo e esperança, que flutuam e se entrelaçam em nossos corpos e mentes, cotidianamente, com outros afetos. Com o relaxamento do isolamento social, criou-se a superstição de que a pandemia está acabando, mas para quem ela realmente está acabando?

O filósofo holandês explica que a superstição é causada e conservada pelo medo (TTP, pref), e no presente caso o medo do choque econômico é muito maior que o medo do vírus. Aqui nos questionamos a que custo os estabelecimentos estão sendo abertos? Quais corpos estão sendo postos em perigo para que as pessoas possam ir fazer happy hour ou para o Brasil não parar? Como vimos há algumas semanas, bares e restaurantes na noite carioca no Leblon estavam lotados. O Brasil não pode parar, mas de fato não pode parar para quem?

Esses questionamentos remetem a uma reflexão antiga retomada por vários filósofos, como Foucault e Agamben: é necessário deixar alguns morrerem para que outros possam viver. Os corpos mais suscetíveis à morte são aqueles que, de alguma forma, “atrapalham” a ordem social capitalista, enquadram a memória do genocídio implantado pelo colonialismo e, apesar dos esforços de desumanização, insistem em demonstrar que são humanos como todos os demais.

Sustentar a cadeia da desigualdade social é necessário para alimentar todo o mecanismo da dialética inclusão/exclusão social. Os trabalhadores das fábricas, garçons e entregadores, não podem parar e o risco de pandemia é sentido por eles diariamente, assim como pelos indígenas, que tentam permanecer em suas terras devastadas pelo avanço do desmatamento, das queimadas, da ação de grileiros, do agronegócio.

Enquanto alguns tentam continuar a vida, pois não podem parar, outros parecem não perceber a necessidade de ficar em casa. A vacina, única possibilidade de prevenção, agora parece mais perto, para o ano de 2021, mas novamente a desigualdade atrapalha a sanidade. Será que ela virá aos países pobres com a rapidez que vai aos países ricos?

Enquanto isso, cada um deve cuidar de seu próprio destino, preferencialmente em coletivos, unindo conatus, já que o Estado abriu mão de cuidar dos seus e se preocupa em vender cloroquina, com a saúde dos bancos e das empresas. Tudo porque as cidades não podem parar.

Também concordamos que as cidades não podem parar, mas não as custas da morte do “homo saccor”.

Diferente da covid-19, que mata os corpos por asfixia, a desigualdade social mata pela servidão, alimentando o sofrimento ético-político e os afetos tristes daqueles que vivenciam a inclusão perversa. É nesse enlace que os afetos indicam caminhos para a práxis psicossocial.

Por isso, o presente boletim une o conatus de diversos autores que compuseram a disciplina “Vigotski e Spinoza e o estudo das emoções como questão política”, do curso de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), ministrada no contexto da pandemia. Aqui está presente uma parte dos debates e reflexões desse semestre, que será dividida em dois boletins. No atual número, os afetos explorados pelos autores mostram a melancolia, a comiseração, a solidão na cidade, a ansiedade e a saudade como componentes das vivências em isolamento social, que são atravessados de diferentes formas pela desigualdade. Desejamos que as afetações sejam potentes como os debates que marcaram nosso semestre letivo, on-line.

Bader B. Sawaja
Profa. Titular da PUC-SP. Docente Permanente
do Programa de Estudos Pós-Graduados em
Psicologia Social. Líder do NEXIN.

Ansiedade em tempos de pandemia

Em pesquisa realizada sobre quais afetos estavam sendo registrados pela mídia em tempos de pandemia nos deparamos com cinco textos no Boletim Semanal do Nexo Jornal[1] discutindo sobre ansiedade nesse período. Em um dos textos, Maria Rita Kehl elenca a definição de ansiedade do Dicionário Técnico de Psicologia (Cultrix), de Álvaro Cabral e Eva Nick: "estado emocional desagradável e apreensivo, suscitado pela suspeita ou previsão de um perigo para a integridade da pessoa. No caso de perigos reais, dá-se à ansiedade o nome de ansiedade realista".

O termo ansiedade, do grego agkhô, significa estrangular, sufocar, oprimir, nos remetendo aos efeitos que a ansiedade pode produzir no corpo, como tensão muscular, insônia, taquicardia e falta de ar. Buscamos a definição de ansiedade no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V (DSM, 2014) para nos ajudar a compreender o que é ansiedade e seus impactos na saúde mental, mas não nos pautamos na patologização dos afetos. O manual define o transtorno como medo e ansiedade excessivos, sendo "o medo uma resposta emocional a ameaça iminente real ou percebida, enquanto ansiedade é a antecipação de uma ameaça futura". O DSM V acrescenta que a ansiedade ocasiona vigilância em preparação para uma ameaça que virá, atitudes de cuidado e esquiva e causa sofrimentos como insônia, prejuízo no funcionamento social, acadêmico, profissional e em atividades da vida pessoal.

Em uma perspectiva mais abrangente, para Vigotski as emoções dependem do significado social do que se vive num determinado momento histórico. Não existe afeto fora da história. Um acontecimento, como a pandemia, tem efeito na subjetividade, afeta a todos no coletivo, porém não da mesma maneira. Pessoas pobres, negras, mulheres e grupos vulneráveis são afetadas em outra medida. Além disso, a pandemia afeta cada sujeito de modo particular, na sua singularidade.

[1]<https://gamarevista.com.br/capa/ta-ansioso-ne/?video=1>

Por outro lado, se você pertence à classe dos menos favorecidos, você possui todos esses medos, além do medo da violência policial - que continua agindo nas favelas -, do racismo, da fome, do desemprego, de não conseguir ser atendido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), de não conseguir pagar aluguel ou as contas de energia elétrica e de água. Medo de ser despejado e ir parar nas ruas, de morrer de frio nas ruas, medo do seu direito do auxílio emergencial do governo federal nunca chegar.

Falar de ansiedade é falar de afetos, tema sobre o qual Spinoza dá importante contribuição. Filósofo preferido de Vigotski, ele é o autor que nos inspirou a refletir sobre a ansiedade que assola nesse período de pandemia. O filósofo descreve que o ser humano é parte da natureza e sofre ação constante de causas externas, que o subjugam a afetos apáticos e paixões. Existem três afetos originários: desejo, alegria e tristeza. Nestes encontramos um conjunto de paixões, o qual constitui o que podemos classificar de sistema medo-esperança. Trata-se de um sistema com afetos instáveis, em que ocorre uma flutuação de ânimo entre o medo e a esperança, numa dúvida do que está por acontecer.

Segundo Marilena Chauí, no livro "Desejo, paixão na ética de Espinosa" (2011), o medo é a paixão triste, engendrada na experiência imaginativa da incontável vivência dos acontecimentos. Surge da nossa própria condição de seres da natureza que possuem um fim. Afeto que não mantém constância, que surge da ideia de algo futuro ou passado, mas que temos dúvidas se acontecerá. Enquanto a esperança é uma alegria (paixão alegre) que também não mantém constância e surge da ideia de algo futuro ou passado, que também comporta dúvida.

Na ansiedade, lidamos com a incerteza, estado a partir do qual os afetos oscilam. Temos o medo por antecipação do que está por acontecer e sentimos tristeza. Mas também sentimos esperança, uma certa alegria de que algo de ruim pode não acontecer. No período da pandemia sentimos vários medos, mas também nos mantemos na esperança (alegria) de que coisas ruins não se concretizarão.

Spinoza aponta para o fato de que as afetações podem aumentar ou diminuir o potencial de vida na medida em que podem ter como resultado a autonomia ou a servidão. Nesse sentido, existem políticas que se utilizam do afeto para manter o ser humano na servidão, fazendo uso do medo e da esperança para agregar um grupo que siga o discurso de um líder autoritário. Nessa direção, o fascismo, com um discurso que confunde o que é real e o que não é, a ordem e a desordem, gera insegurança e ansiedade.

O filósofo aponta caminhos para lidar com o medo por antecipação por meio do conhecimento, o mais potente dos afetos, definido como a capacidade da mente de pensar, considerando que mente e corpo fazem parte da mesma substância. Conhecer os afetos de maneira racional é uma maneira de lidar com eles.

A razão pode reordenar os afetos, ajudar a compreender o que desejamos. Entretanto, um afeto não pode ser extinguido por um conhecimento racional, mas sim por outro afeto mais potente e oposto a ele. O que possibilita a mudança de um afeto oposto é a troca de um mal maior por um menor, na qual ocorre a superação da paixão do medo, paixão triste, pela alegria.

Na proporção que as paixões tristes vão sendo afastadas, as alegres vão ganhando força e são ampliadas, fortalecendo o conatus (força vital de autoconservação) e fazendo com que o desejo e a alegria possibilitem, num ato processual, a diminuição da nossa passividade e nos organizem para a atividade.

Nessa direção, a arte tem se mostrado um recurso importante para o enfrentamento da ansiedade e de outros afetos tristes, contribuindo para o fortalecimento da alegria no período da pandemia.

Ironicamente no Brasil a arte foi a mais perseguida pelo atual governo federal e por toda a extrema direita. Desse modo, igualmente, fizeram todos os tiranos ao longo da história. Tudo por conta do poder emancipador da arte. Mas a arte está sempre presente, como resistência.

Assim, na pandemia, a música em lives de artistas diversos e também a música nas varandas, além da poesia em encontros online, da fotografia das janelas, bem como os filmes de gêneros mais diversos, têm contribuído para o enfrentamento desse período difícil.

Segundo Vigotski, não existe transformação social e liberdade sem a criação e, portanto, sem a arte, que pode ser uma via importante para que o fim da pandemia não represente uma volta ao antigo normal, mas sim que nos direcionemos para uma nova ação transformadora.

Giseli F. Assoni

É mestranda no Programa de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paul, Psicóloga e trabalhadora da área Jurídica.

Débora S. Ragazzo

É mestranda no Programa de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica da São Paulo, Psicóloga, Psicanalista e supervisora clínica na DERDIC/PUCSP.

São Paulo, 13 de julho de 2020.

A solidão da cidade

Muito se tem escrito e dito sobre a solidão no atual momento de isolamento que estamos passando no Brasil e, no caso dos autores deste texto, especificamente da cidade de São Paulo, algumas matérias buscam descrever o que seria a solidão, quais seus tipos e como lidar com esse sentimento[1].

No entanto, essas matérias parecem apontar, apesar de diferentes abordagens, apenas para uma perspectiva da solidão, a saber, a solidão enquanto estado psíquico e emocional individual, e acreditamos que a solidão refere-se a um campo muito maior, isto é, um campo que abrange aspectos filosóficos, sociais e, conseqüentemente, políticos.

Trataremos da solidão como solidão social, ou seja, da solidão enquanto sofrimento comum do tempo presente, que abrange não somente o indivíduo, mas o corpo social e político (a cidade) de um lado; e, por outro lado, trataremos da solidão não apenas como aspecto de um estado emocional e psíquico, mas também afetivo, a partir da filosofia e da teoria dinâmica dos afetos de Spinoza[2].

Para a compreensão da dimensão ético-política da solidão é necessário apresentar alguns conceitos fundamentais spinozanos, no que se refere à sua teoria dos afetos.

[1] <https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/da-pandemia-a-solidao-a-distancia-fisica-entre-nos/>
<http://blogs.correiobraziliense.com.br/papodeconcurseiro/solidao-x-solitude-e-possivel-passar-em-concursos-estudando-sozinho-durante-a-pandemia-de-coronavirus/>
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/10/Cuidado-redobrado-e-solid%C3%A3o-como-%C3%A9-dar-%C3%A0-luz-na-pandemia>
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/fique-bem/noticia/2020/04/o-que-fazer-quando-a-solidao-ou-a-falta-dela-assusta-ck8ue37zw0lsx0lntx4lh9eop.html>
<https://www.brasildefatores.com.br/2020/05/15/as-vozes-distantes-que-atenuam-a-tristeza-na-solidao-da-pandemia>

[2] O nome deste autor tem diversas grafias (latim, português e hebraico) as quais são diferentes de acordo com cada língua que foi escrito, porém aqui neste texto os autores optaram por utilizar uma das versões da língua portuguesa.

Para Spinoza, todos os seres existentes são potências para agir e viver e essa potência é a própria energia de vida - termo bastante utilizado hoje em dia - sendo que essa energia pode aumentar ou diminuir conforme os encontros com outros corpos e seres. Esses aumentos e diminuições Spinoza irá denominar de afetos, conceito muito importante em sua teoria. O afeto é a passagem da potência de cada ser para mais potência, ou seja, mais ação. Ou então, para a impotência e, conseqüentemente, menos ação. Quanto mais potência, mais próximo da liberdade o ser humano está e, quanto menos, mais próximo da servidão. Essa passagem é uma variação constante e contínua, visto que o tempo todo um indivíduo está em relação consigo mesmo e com os outros. Quando o encontro produz potência e vida, tem-se alegria; quando diminui a potência, tristeza. Alegria e tristeza são afetos primários, junto com o desejo, que é a essência do ser humano, a partir do qual todos os outros afetos derivam.

Detalhe importante é que no pensamento spinozista corpo e mente são da mesma substância. Significa que tanto a potência do corpo quanto a da mente variam em ato simultâneo. Uma mente impotente corresponde a um corpo também impotente, assim como um corpo impotente a uma mente impotente, distanciando-se totalmente da tradição da relação assimétrica entre corpo e mente.

Dos afetos de alegria e tristeza, há outros afetos secundários, sendo os dois mais importantes o medo e a esperança. Estes dois são indissociáveis para Spinoza, pois sempre que se teme que algo ruim possa acontecer espera-se que não ocorra. Da mesma maneira, ao esperar que algo bom ocorra também teme-se que algo impeça de acontecer. Sendo assim, não existe esperança sem o medo e nem o medo sem a esperança. Disto resulta que, para Spinoza, a esperança é, ao contrário da compreensão tradicional, um afeto triste. E tanto o medo quanto a esperança se referem à incerteza que sempre temos e teremos em relação às coisas futuras. Quando julgamos ter uma certeza em relação ao advento de algo bom que esperamos, passamos da esperança para a segurança, e quando julgamos ter a certeza de algo ruim, passamos do medo para o desespero.

Dito isso, o atual cenário brasileiro é permeado por essa constelação de afetos. Os quais nos colocam não somente diante da distância física entre os corpos, mas também diante das incertezas sobre o futuro. Terreno fértil para a solidão, não só como aquela tomada pelos afetos tristes por não compartilhar as vivências do cotidiano, mas também pela solidão social que pode ser sentida por cada um pela impotência de agir coletivamente em momentos difíceis, como os tempos atuais.

Esse sentido social da solidão é compartilhado por todos aqueles que, diante da incerteza do que pode ocorrer com a população brasileira no futuro, se entristecem com a própria incapacidade de imaginarem a si mesmos enquanto potência coletiva. Dessa forma, cada pessoa é impedida de agir no seu presente, pois causas exteriores, como o coronavírus e as crises políticas governamentais e institucionais, são maiores do que a capacidade de unir-se a outros semelhantes para um bem comum.

Para o filósofo holandês, somente na cidade é possível viver uma vida realmente humana, posto que em um estado de natureza[3] os corpos estariam irremediavelmente tomados pelo medo da solidão e da morte, sem a possibilidade de desfrutarem daquilo que os seres humanos possuem em comum, e ainda daquilo que cada um pode compartilhar para se unir sob a lei e a concórdia do melhor para todos.

Isso é o que Spinoza irá considerar no âmbito do que podemos ser úteis uns aos outros, visto que, como partes da natureza, somos menos potentes isolados e, em conjunto, somos mais potentes. E segundo o filósofo a melhor formação político social é a democrática[4].

[3] Estado de natureza e estado civil são conceitos elaborados pelos filósofos chamados contratualistas, para se pensar como surgiu a sociedade civil. O estado de natureza não se refere necessariamente a um evento histórico. Trata-se de uma hipótese teórica para elaborar a construção de uma filosofia política e a formação de um Estado, passando de um estado pré-social, através de um pacto social, para o advento da sociedade civil.

[4] Sobre a superação do medo da solidão e medo da morte, na construção da sociedade democrática junto com o temor das leis, conferir o capítulo "Medo e Esperança, Guerra e Paz". In Chauí, Marilena Desejo. Paixão e ação na ética de Espinosa. Companhia das Letras.

No entanto, para que isso possa ocorrer, Laurent Bove[5], estudioso de Spinoza, nos alerta para um ponto fundamental na construção desse corpo político democrático: o afeto de confiança.

Ao chegarmos aqui podemos agora trazer uma definição do que seja a confiança para Spinoza, segundo Bove no que segue: enquanto que a segurança se refere ao tempo presente, a confiança é a segurança dilatada no tempo, que se estende ao longo de uma duração indefinida.

Imaginemos a seguinte situação: para realizar um trabalho com alguém que temos boas referências, temos a segurança do êxito do trabalho, e após isso temos uma confiança de que todos os trabalhos futuros com essa mesma pessoa serão positivos. E qual o motivo disto? É que, enquanto a segurança é um afeto alegre, mas passivo (pois nossa certeza se refere apenas ao tempo presente e a uma causa exterior), a confiança é um afeto alegre ativo (neste caso, a certeza se refere a um tempo indefinido e não dependemos mais de causas exteriores a não ser nós mesmos).

A confiança passa por dois pontos centrais na construção de uma sociedade democrática: o outro que, como dizemos, é de utilidade para a composição das potências comuns na construção social da cidade e da política, assim como a constituição das instituições democráticas, que permitirão estabelecer condições para que possamos estar menos sob a força das contingências e mais sob a própria potência da cidade. Na e pela confiança mútua entre cidadãos, e na relação com as instituições democráticas, é possível a constituição de uma potência coletiva entre os corpos sociais e institucionais, promovendo maior ação da cidade nas tomadas de decisão sobre si naquilo que é o melhor em suas necessidades. Com isso, o medo originário do estado de natureza é modificado.

[5] Para maiores informações sobre a questão da confiança na construção democrática para Laurent Bove, conferir: A função ambivalente do amor: objeto do amor e amor sem objeto na política espinosista. In: Espinosa e a psicologia social: ensaios de ontologia política e antropogênese. Ed Autêntica. Da confiança política: construir a Hilaritas Democrática. <https://spinoza.jur.puc-rio.br/wp-content/uploads/2016/12/Spinoza-e-as-Americas-Volume-2.pdf>

Porém, a instauração da democracia e suas instituições estará sempre ameaçada por paixões destruidoras e pelo advento possível de uma figura tirânica, que se aproveita da flutuação de ânimo dos cidadãos entre o medo e a esperança e, conseqüentemente, da impotência mesma do corpo social imerso na tristeza.

Na situação atual em que estamos no Brasil e, mais especificamente, na cidade de São Paulo, onde os autores deste texto se encontram, é vivenciada por uma grande parcela da população uma desconfiança e até mesmo um medo constante sobre as instituições que deveriam oferecer segurança e justiça para seus cidadãos, tais como o Poder Judiciário, o Senado e outras instituições públicas e civis. Dessa maneira, a desconfiança do outro que apoia um possível regime ditatorial associado a uma figura autoritária de poder, somada à inércia das instituições que não amparam uma parcela necessitada da população e a restauração de um equilíbrio democrático e respeito às leis, provoca uma descrença coletiva em relação ao futuro das próprias vidas no país.

O resultado, no momento, parece ser algo muito próximo de uma quebra da segurança e da liberdade, que seriam os objetivos de uma sociedade democrática, empurrando a todos para uma guerra multilateral, em que cada cidadão acaba tendo que pensar somente na própria sobrevivência, sentindo-se desamparado e isolado.

Juliana Berezoschi
Psicóloga pela FURB (Blumenau-SC). Mestra e
doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP
Integrante do Nexin.

Thiago da Silva Prada
Doutorando e Mestre em Ciências Sociais (PUC-SP).
É professor, poeta e escritor. Ministra palestras e
cursos envolvendo filosofia, psicologia e ciências
sociais, articulando literatura e cinema.

São Paulo, 09 de Junho de 2020.

Coração na ponta da lança, relógios parados,
vendavais internos: sobre saudades

O volume de mortes pelo coronavírus, que cresce significativamente no Brasil, no dia 06 de julho somava mais de 64.000. Esse número pode ser visto como um dado da tragédia na qual estamos imersos, mas, para além disso, representa vidas perdidas, vidas que não voltam. A morte distancia de forma irreparável e a saudade é o inefável que liga os seres, em um misto de dor do que não se pode ter mais, com o prazer da lembrança.

Junto com vidas que se perdem, existem famílias, amigos, amantes que necessitam fazer a renúncia forçada do contato físico e humano com a pessoa querida que se foi. A morte talvez seja o signo de saudade que mais deve ecoar e doer nas vidas brasileiras na atual conjuntura, visto que o Brasil está entre os países com maior taxa de letalidade desta pandemia.

Segundo Spinoza, no livro III da *Ética*, definição 32: "A saudade é o desejo, ou seja, o apetite por desfrutar de uma coisa, intensificado pela recordação desta coisa e, ao mesmo tempo, refreado pela recordação de outras coisas, as quais excluem a existência da coisa apetecida". Esta "sede" é pelo encontro que não se concretiza. Esta lembrança é pelo que dói. A mesma memória que preenche um espaço vazio no presente não o preenche para além de imagens pretéritas, que afetam o ser humano pelos limites colocados no tempo-espaço. No entanto, a saudade também se expressa no sentimento da distância física proposital e necessária para conter a infecção e a contaminação brusca do conjunto da população.

Os tempos de isolamento social têm sido marcados por um constante exercício de paciência. Vemos muitos que se julgam "senhores e senhoras da imunidade" no poder, na vizinhança, nas ruas, aumentando ainda mais a (in)determinação do tempo de afastamento. Spinoza na *Ética III* afirma: "essa tristeza, à medida que diz respeito à ausência daquilo que amamos, chama-se saudade".

Quando há a recordação de algo ou alguém, ocorre a emulação do mesmo afeto do vivido no passado com os afetos do presente. Sem, no entanto, se realizar concretamente, pois o tempo já é outro e neste a dor contracenana com o memorar de um momento feliz. Assim sendo, torna-se possível sentir falta de ações que antes poderiam parecer banais, como um abraço, um toque, uma conversa ao "pé do ouvido" e tudo que está relacionado ao afeto entre os corpos. Mas a atual conjuntura exclui as possibilidades de saciar tais vontades pelo contato físico e vivenciar os afetos para além do setting virtual.

Existe um provérbio português, atribuído a Luís de Camões, que diz: "a verdadeira afeição na longa ausência se prova". A palavra afeição tem mesma raiz etimológica que a palavra afeto e ambas denotam uma "marca" que fica, que insiste em permanecer dependendo do seu grau de incidência. A lusofonia é a única identidade linguística que criou um termo para expressar o afeto pelo sentimento de falta.

Saudade é palavra da língua portuguesa única em significado. Nenhum outro país consegue alcançar a profundidade dos afetos gerados pelo termo. Falar sobre saudade, principalmente em momentos de pandemia, é sentir aperto no peito, é experienciar o tempo insistindo em andar mais lento, é visualizar o abismo que gera a ausência. É suportar o choro que nunca se fez tão presente e tão repentino. É lidar com o silêncio profundo e o tumulto interno, nossa poeira de dentro, nosso desalento. É sentir o amor que ressoa e resiste. É suportar dias e noites eternas.

Precisamos reinventar nossas rotinas e cartografar outros modos possíveis de executar determinadas tarefas, determinados ritmos. Nunca estivemos tão conectados virtualmente e talvez nunca tenha ficado tão evidente a falta que a presença física do outro nos causa. A saudade está, portanto, referenciada no espaço em que as relações não podem mais acontecer, mas também no tempo. O tempo é incontrollável, impossível de deter, corre fluido como um rio em direção ao mar, e no entanto Mario Quintana dizia que "a saudade é o que faz as coisas pararem no tempo".

O tempo do momento é um tempo de recordações, um tempo de distância, um tempo que dá tempo. É um tempo de falta do outro, do que não se pode mais viver.

A saudade emana no tempo. Ela contracenava com o tempo e parece que se fundem para tocar nossas vidas de modo profundo, nos fazendo apenas aceitar, desapegar e seguir o curso da vida.

À espera pelo retorno dos bons encontros, das partilhas que pedem abraços sem qualquer constrangimento, da vastidão e imensidão que há na presença, na troca de olhares e sorrisos sem máscaras, na taquicardia e respiração do amor delicado, na arte que possibilita uma lufada de ar, notamos um respiro, uma atualização de epifania, um aconchego. É chama acesa para insistir, é um sentido para seguir, para resistir, para dar contorno, para cicatrizar: assim, então, como Caetano Veloso nos ensinou, oramos ao tempo...

"Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
Entro num acordo contigo
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo"

Alberto Rodrigues Silva
Mestrando em Psicologia Social pela PUC-SP.

Ana Carolina Martins Gil
Doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP,
psicóloga clínica e professora universitária.

São Paulo, 06 de julho de 2020.

Afecções capitalistas e melancolia pandêmica

Sim, nos sentimos cansados. Melancólicos até. Talvez porque, para além dos papéis sociais engessados e pressupostos, a substância humana queira "falar". Acontecer. Conservar-se. Perseverar. Spinoza nos diz sobre as afecções de tristeza que igualmente e de modo síncrono são vividas na alma e no corpo, por toda sua extensão e em todas as suas partes. A essa espécie de tristeza o filósofo chama melancolia (E III, prop. 11, esc.). Nesses tempos de afecções múltiplas, a "ressurreição" de muitos vêm dos amigos, dos amados, dos familiares ou dos nem tão familiares assim, os estranhos. Por whatsapp, vídeo chamada, ação social, lives disso e daquilo, algumas ações nos fazem respirar e voltar à vida sorrindo, como nos indica Spinoza, aumentando nosso conatus - nossa potência de conservar e perseverar na vida. Mas esses deleites, virtuais, bastam ao nosso existir?

Inúmeras pessoas têm vivido uma "quarentena às avessas", mais na rua, cumprindo tarefas do que em casa. Algumas mais em casa, mas ainda assim sob a demanda de tarefas redobradas. Outras ainda em casa, mas sob a pressão cultural capitalista arraigada do "temos que produzir o tempo todo, a cada minuto, ficar parado é tempo perdido, tempo é dinheiro e produzir é se fazer um sujeito de dignidade e merecimento". Quando em casa, as demandas relacionais não esperam, simplesmente acontecem. Não é por menos que temos acompanhado números crescentes de casos de violência doméstica.

Ainda temos os casos de violência psicológica, que representam um sequestro do "sopro de vida", da força e perseverança por viver. São a face cativa de um modo de violência. "[...] Violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror" (CHAUI, 1999)[1].

[1] Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs14039904.htm>>

Num âmbito macro, ficamos à mercê de um (des)governo que nos subjuga a relações políticas perversas e nos retira o direito de exercer cidadania, de sermos sujeitos de potência. Um governo que nos lança "face a face" com a melancolia, uma melancolia que é ético-política, que nos faz mal, um afeto que é contrário a nós à medida que nos coloca na servidão e passividade. "Chamamos mal àquilo que é causa de tristeza [...], àquilo que diminui ou entrava a nossa potência de agir" (E IV, prop. 30, dem.). A passividade melancólica gerada (construção subjetiva/objetiva) no anseio de corresponder às expectativas do meio de produção capitalista, ao mesmo momento se depara com a realidade de que é impossível dar conta de tudo. São afetos tristes. É uma existência colocada em "xeque", enredada na insatisfação de "fazer e fazer, desejar e desejar" sem alcançar a "conformação ideal". Sente-se, portanto, inconformada - sem forma.

Quem são as vítimas dessa violência velada, invisível? Não estamos todos nós, de certo modo, passando por isso? Sequestrados de nós, subjetiva e objetivamente, por uma racionalidade capitalista, sutilmente (ou nem tanto) a nossa vida social, familiar e afetiva está imbuída de normatividades ilegítimas e naturalizadas, que nos retiram a historicidade enquanto ser social e político. Teoricamente, a quarentena poderia significar um momento de descanso para muitos, um momento de parar, olhar, sentir, compreender, cuidar. Mas no Brasil de muitos "Brasis", sob o julgo imponente de afecções capitalistas, inúmeras pessoas se veem na obrigação de dar continuidade aos seus compromissos de vida em meio ao caos pandêmico por diversos motivos: medo de perder o emprego, de passar fome, de "não ser ninguém", de ser inútil, impotente, esquecido, inexistente, além do medo de parar de produzir.

Mas produzir como? De modo algum pretendemos incorrer no risco de cair no dualismo mente/corpo como coisas separadas, mas o sentimento atual é de que estamos suscetíveis, a cada dia, a uma "surra subjetiva". Como se a dimensão psicológica - que se constitui permeada pelas afecções e atividades em um meio que é da ordem das relações e condições materiais, históricas e dialéticas -,

estivesse sendo sufocada, não se valendo nem de tempo, nem de potência, nem de espaço para fazer síntese das teses e antíteses. Mal se consegue fazer o salto qualitativo e já vem mais novidades, mais dias, mais acontecimentos e sobrecarga de informações, mais pressão pela produção e mais caos. Melancolia. Esvaziamento de si. Contemplação de sua própria impotência e falta de sentido.

Ora, se o sujeito é Ser de temporalidade, logo é Ser que possui historicidade, uma vez que é Ser de conatus, é sujeito de potencialidade, de afecções e afetações. Enquanto Ser de espacialidade, é ainda sujeito corporal, da ordem do tecimento relacional e do contato com o meio. Se acaso tudo isso lhe é retirado e imerso na melancolia, gerando a ausência de si mesmo, a partir de onde esta dimensão psicológica se constitui? Quais afetos nos permeiam e balizam esta constituição?

Fazemos o que temos que fazer, o que o momento nos pede. E o momento não é de "normalidade" ainda que paire sobre o imaginário de muitos algo parecido com a propaganda do governo de um determinado Estado - como forma de consolo e força à população: "Isso tudo vai passar e, depois que passar, retornaremos a fazer o que sabemos fazer de melhor, trabalhar". Sim sabemos, a vida não pode parar, aliás é exatamente por isso que está acontecendo o que está acontecendo! Porque ela não para. O que nós podemos fazer é criar, cocriar, reinventar, remendar, pausar isso ou aquilo, diminuir, acelerar, aumentar, aquietar, compreender, respeitar. Mas ela mesmo, a vida, não para não. É a substância humana "falando alto". Sobretudo porque não podemos nos esquecer por meio de qual caminho todas essas ações nos são possíveis: união de conatus, fortalecimento do comum, bons encontros - mesmo que virtuais neste momento -, que nos fortalecem em busca das ideias adequadas.

Então, sim, temos compromissos a serem cumpridos, que precisam de continuidade. Mas de que forma? Como antes deste momento de atipia da tal normalidade?

Dentre tantos modos de violência que são naturalizados nas condições do viver, este - o da melancolia ético-política -, não pode ser mais um. O ser humano é sujeito de linguagem, sentidos, afetos. Não há experiência humana ausente de afetações.

Articulando de recurso metafórico, pontuamos: se acaso hoje os pés estão crescidos é indicado que ainda usemos o calçado do mesmo tamanho? Às vezes é melhor ficar descalço mesmo. Por que ainda acreditar que a "dimensão psicológica das pernas" pode seguir com os mesmos passos de antes? É certo que neste momento eles - os passos desta dimensão - estejam muito mais largos, tendo que alcançar distâncias antes nem imaginadas, percorrer muito mais metros em bem menos tempo.

Carla de Almeida Vitória
Psicóloga, mestranda em Psicologia Social pela PUC-SP.
Integrante do NEXIN - Núcleo de Pesquisa Dialética
Exclusão/Inclusão Social.

Dariane D. R. Vidal
Psicóloga, mestranda em Psicologia Social pela PUC-SP.
Integrante do NUPRAD - Núcleo de Práticas Discursivas.

São Paulo, 09 de junho de 2020.

Afetos que fortalecem e enfraquecem o conatus em tempos de pandemia

Embora o distanciamento social imposto pela pandemia de covid-19 ao mundo intensamente globalizado tenha produzido reações favoráveis, discordantes ou negligentes, ainda é a melhor alternativa para a contenção do vírus, conforme a Organização Mundial da Saúde. Pelo viés da filosofia spinozista e sob essa nova regra social, vamos refletir sobre a "Pietas" e a "Comiseração", destacando outros afetos inter-relacionados. Se, por um lado, a solidariedade e a empatia se relacionam com a pietas, a resignação, o fatalismo e o ressentimento, por sua vez, são afetos entrelaçados com a comiseração. De uma forma geral, todos os afetos são modos de perseverar na existência: os relacionados a pietas se configuram em torno de relações fortalecedoras do comum e da liberdade e os ligados à comiseração são afetos que reforçam a alienação e a servidão.

Preliminarmente, importa-nos destacar que o distanciamento social é uma prática comum na história da humanidade. Há relatos milenares de pessoas que, por motivos religiosos, praticaram o distanciamento social, refugiando-se no deserto, nas florestas ou nas montanhas, a exemplo de ascetas e monges. Por motivos artísticos, também encontramos aquelas que se distanciaram em busca de inspiração. Mas há, também, o distanciamento social forçado, como estratégia de punição e controle dos corpos, como em manicômios e presídios. Sendo assim, sem esgotar os modos de distanciamento dos núcleos de sociabilidade, enfatizamos o caráter contingencial e histórico deste atual momento vivido pela humanidade.

Desde que a China notificou à Organização Mundial da Saúde, em dezembro de 2019, sobre o surto de uma nova doença no trato respiratório, a população de inúmeros países se isolou progressivamente como medida de mitigação ao espalhamento do SARS-coV-2. A função sanitária do distanciamento social foi preponderante à economia, ao lazer, à educação e levou pessoas a refazerem hábitos, trabalhos e práticas religiosas.

Em um contexto de desigualdades sociais tão exacerbadas como é possível verificar no Brasil, deve-se reconhecer que é um privilégio manter o distanciamento social, pois esta prática requer estrutura social, econômica e psicológica. Por essa razão, junto aos que conscientemente reconhecem a importância do distanciamento e usam dos privilégios que têm para cumpri-lo, também reconhecemos como fortalecedores do conatus aqueles que, por falta de opção ou por desempenharem um trabalho essencial, estão expostos às agruras do vírus. Por outro lado, temos aquelas pessoas que estão em casa de maneira individualizada, usufruindo dos seus privilégios e progressivamente mais insensíveis ao que ocorre ao seu redor. A estes últimos se aplica a noção de isolamento, pois voltam-se à própria solidão e deixam de compor com o comum.

O distanciamento tem sido uma afecção muito potente ao favorecer relações de solidariedade, pois além da dimensão pessoal de preservação da própria vida, o fato de não adoecer e não ser retransmissor do vírus contribui para que haja leitos nos hospitais para quem necessitar e para evitar uma sobrecarga aos profissionais da saúde. A solidariedade se mostra também no fortalecimento dos vínculos entre familiares, vizinhos e entre pessoas que nem se conhecem, como é o caso daqueles que se solidarizaram em campanhas de financiamento coletivo, doações, engajamento político, entre tantas outras formas criativas que surgiram neste período.

Nesse contexto, o distanciamento mostra-se como uma postura de fortalecimento do comum e de afirmação do direito natural de perseverar na existência. Esta parcela da sociedade que permanece sensível - intelectual e corporalmente - à necessidade de uma coalizão ampla, geral e irrestrita em prol do distanciamento social, não faz outra coisa que agir pelo "desejo de fazer o bem que é engendrado por vivermos sob a conduta da razão" (Spinoza. *Ética IV, Prop. 37, Escólio 1*). Estas pessoas são afetadas pela pietas e por isso agem no mundo com gestos de empatia e solidariedade.

Elas se tornaram capazes de discernir entre a multiplicidade de afecções vivenciadas neste período, quais são as ideias adequadas e quais afetos fortalecem o comum, ainda que isso implique em sustentar o pesado fardo da mudança abrupta do estilo de vida, inclusive a distância física dos entes queridos. Com efeito, esta população que permanece em casa, de forma não reativa, fundamentada na ponderação dos princípios que justificam a coesão social no distanciamento, possibilita um aumento de potência e um fortalecimento do conatus[1], apesar do isolamento.

Em contrapartida, outra parcela da população, em meio ao risco de padecer por uma doença ainda sem cura, sai às ruas, resiste ao isolamento, não acata orientações de autoridades sanitárias e não reconhece o distanciamento como medida profilática ou o meio mais eficaz de impedir o colapso do sistema de saúde e o contágio generalizado. Que afetos ou paixões mobilizam estas pessoas? Ao agir ou reagir em desacordo com aquilo que ordena o decreto comum da cidade (Spinoza. Tratado Político, cap. V. n. 4), esse grupo promove um atentado contra a ética e põe em xeque o útil comum. Dos vários afetos constelados aqui, vamos enumerar apenas quatro: a resignação, o fatalismo e o ressentimento e a comiseração. A combinação destes afetos produz um liame perverso que mantém a ilusão de liberdade e impede a busca das causas adequadas e o desenvolvimento da autonomia, fazendo com que os indivíduos permaneçam enredados nas redes de servidão.

A resignação, segundo o Houaiss, está relacionada com atitudes de submissão à vontade de alguém ou ao destino. O fatalismo reforça a superstição, porque leva à seguinte máxima: tudo só acontece quando tem que acontecer. O ressentimento (KEHL, 2009) leva o sujeito a renunciar ao seu desejo em nome da submissão a um outro, investido de poder, visto como único capaz de responder ao mal-estar que o aflige.

[1] Na Ética III, Prop. VI, Spinoza define o conatus como o esforço de todas as coisas para perseverar em seu ser. Este esforço de auto conservação, quando referido à Mente chama-se Vontade, quando relacionado ao corpo denomina-se appetite. (Ética III, Esc. Prop. IX). A Alegria aumenta o conatus e a tristeza diminui.

Pela Ética III, de Spinoza, pode-se afirmar que estes afetos pertencem ao reino das paixões tristes, porque não levam à busca das causas adequadas e à clareza de entendimento daquilo que afeta o corpo e a mente. Desse modo, a possibilidade de maus encontros - com o corpo do vírus, sobretudo - é aumentada na mesma proporção em que a capacidade de perseverar na existência diminui. Embora a resignação, o fatalismo e o ressentimento sejam colocados em ordem da servidão, da passividade e da busca de recompensa, também são modos do ser humano perseverar na existência, pois, conforme Spinoza, às vezes luta-se por manter a própria servidão pensando que se está lutando em nome da liberdade.

Ao induzir encontros que podem diminuir a potência de vida, esses afetos combinados produzem um conhecimento ilusório da realidade, a saber: negação da alta letalidade do vírus, defesa da contaminação em massa para produzir imunização mais rápida da população - imunidade de rebanho - e propostas de "isolamento vertical" como estratégia para refrear a recessão econômica.

Entretanto, quando ocorre o aumento do número de infectados e de vítimas fatais, a reação é de indiferença. Todavia, se alguém que compartilha a mesma ideologia vier a ser contaminado pelo vírus, a reação será de tristeza e de complacência com seu sofrimento. Nesse caso, não se pode afirmar que existe comiseração, pois de acordo com Spinoza a comiseração leva a sentir o mesmo dano sofrido por aqueles que considero semelhantes a mim.

A comiseração, tristeza nascida da desgraça de outrem (Esc. Prop XXII E III), produz uma espécie de contágio e põe em curso a imitação afetiva, através da qual sou afetado, por meio da imaginação, pelo mesmo afeto ou por uma afecção corporal semelhante àquele afeto que o outro está sendo afetado (Spinoza. Ética III, Prop. 27). No entanto, se vier pautada pela clareza da razão, a comiseração dará lugar a pietas, ao desejo do bem comum, à passagem de uma perfeição menor para uma perfeição maior, isto é, ao aumento da alegria e ao fortalecimento do conatus.

Como exposto acima, um mesmo fenômeno social - a pandemia e o distanciamento social - pode produzir vivências completamente opostas e promotoras de efeitos concorrentes, uns na direção da servidão, outros da autonomia. Desse modo, a pandemia nos permite verificar os dois níveis de conhecimento e seu efeito político: o de primeiro e o de segundo grau.

O conhecimento de primeiro grau sustenta tanto a superstição, as fantasias ou fixações em ideias inadequadas, quanto a comiseração, a resignação e o fatalismo. O conhecimento de segundo grau leva à busca das causas adequadas, do útil comum e da pietas. Cabe à sociedade democrática fortalecer seus instrumentos garantidores de diálogos, capazes de conduzir às ideias adequadas e ao aumento da capacidade de afetar e de ser afetado a partir de uma ética que nos permite viver menos enredados na servidão e mais predispostos à liberdade.

José Carlos de Oliveira
Graduado em Comunicação das Artes do Corpo, mestre
em Ciências Sociais e doutorando em Psicologia
Social. Todos os cursos pela PUC-SP.

Taffarel Ramires Fernandes
Graduado em Psicologia e pós-graduando, pela
PUC-SP, em Psicologia Social.

São Paulo, junho de 2020.

